



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VINICIUS DE OLIVEIRA LIMA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: REFLEXÕES SOBRE A
FORMAÇÃO INICIAL DO(A) PEDAGOGO(A)**

GUARABIRA
2024

VINICIUS DE OLIVEIRA LIMA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: REFLEXÕES SOBRE A
FORMAÇÃO INICIAL DO(A) PEDAGOGO(A)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientador: Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

**GUARABIRA/PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732i Lima, Vinicius de Oliveira.
A importância do estágio não obrigatório [manuscrito] : reflexões sobre a formação inicial do(a) pedagogo(a) / Vinicius de Oliveira Lima. - 2024.
46 f.

Digitado.

Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa, Departamento de Educação - CH".

1. Estágio não obrigatório. 2. Formação docente. 3. Experiências profissionais. I. Título

21. ed. CDD 371.12

VINICIUS DE OLIVEIRA LIMA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: REFLEXÕES SOBRE A
FORMAÇÃO INICIAL DO(A) PEDAGOGO(A)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

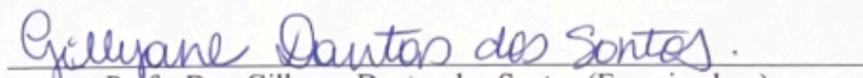
Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Aprovada em: 12/11/2024.

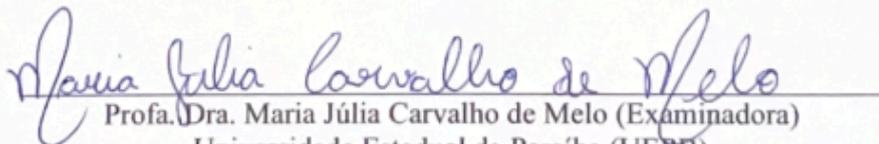
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Gillyane Dantas dos Santos (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Júlia Carvalho de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares,
amigos, professores e colegas de curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por sempre me conceder sabedoria e perseverança na caminhada do curso; a Nossa Senhora por sempre está ao meu lado intercedendo em todos os momentos, e me guiando em todas as minhas decisões.

Aos meus pais Maria do Socorro e Luciano, que são minha base, me ensinaram os valores humanos com honestidade e amor, tenho muita admiração e orgulho em tê-los como meus pais.

As minhas irmãs Luciana e Ianca por todo o incentivo, carinho e companheirismo.

À minha orientadora, Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa por toda paciência, carinho, persistência e sensibilidade, por acreditar em mim na realização dessa pesquisa, e nas minhas experiências adquiridas através de seu profissionalismo. És fruto das minhas orações e louvo a Deus por ter me presenteado com uma orientadora tão especial como você.

Aos meus familiares, em especial a família do meu tio Jailson e Célia, por sempre me incentivar a persistir nos estudos e me apresentarem o caminho de Deus.

Aos meus amigos e amigas que conheci durante a caminhada acadêmica no IFRN e UEPB, (Alef, Denilma, Daisy Anne, Jonas, Leidiane, Rayanne e Tainara), também aos meus amigos e amiga Ketelyn, Lourenço e George, que sempre me deram apoio e motivação nos momentos em que precisei.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram ao longo dos anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento da minha formação.

À banca avaliadora por terem aceitado o convite para participarem desse momento significativo.

Em suma, agradeço a todos e todas que me ajudaram direta ou indiretamente.

Se algo fica claro nos dias de hoje, nisso que se tem chamado de “sociedade da aprendizagem”, é que a formação deve ser entendida como algo que transcende a academia, e assim, nos poucos anos de estudos universitários, a formação deverá se manter ao longo de toda a vida como um processo sempre aberto e inacabado. (Zabalza, 2014, p. 100).

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância do estágio não obrigatório e as reflexões sobre a formação inicial docente. As discussões sobre essa temática enriquecem a compreensão sobre a relevância do estágio não obrigatório na formação inicial dos(as) estagiários(as), pois estabelece conexões entre teoria e prática, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades. Partiu-se da seguinte questão norteadora: como o estágio não obrigatório pode contribuir na formação inicial do(a) pedagogo(a)? Traçamos como objetivo geral investigar como o estágio não obrigatório pode contribuir na formação inicial do(a) pedagogo(a). Para consecução deste, temos os seguintes objetivos específicos: a) compreender o papel do estágio não obrigatório na formação inicial do(a) pedagogo(a); b) analisar o desenvolvimento do trabalho docente a partir das experiências do estágio não obrigatório; c) analisar as experiências docentes de sujeitos inseridos no campo de atuação pedagógica em estágio não obrigatório. Para a fundamentação teórica, usou-se os seguintes autores e autoras: Pimenta e Lima (2010), Zabalza (2014), que discutem sobre estágio supervisionado; Imbernón (2011), Arroyo (2011), Pimenta (1999), Tardif (2010), para discutir a formação inicial docente; e ainda Libâneo (2013), Cordeiro (2007), que abordam os aspectos didático-metodológicos com abrangência para o planejamento e discussões relacionadas a prática pedagógica. O corpus metodológico constituiu-se a partir de uma pesquisa com abordagem qualitativa em educação. Inicialmente, caracterizou-se como exploratória, bem como um trabalho de campo; como instrumento para a realização da coleta de dados, utilizou-se o questionário *online*, via *internet*, com perguntas abertas, utilizando o *Google Forms*. Os sujeitos foram alunas do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB - Campus III, Guarabira – PB. A partir desse estudo, constatou-se que o estágio não obrigatório é muito importante para a construção da formação docente, momento oportuno para muitas aprendizagens e desenvolvimento de habilidades. Revelando-se como uma oportunidade de relacionar teoria e prática em campo de atuação.

Palavras-Chave: Estágio não obrigatório; Formação Docente; Experiências Profissionais.

ABSTRACT

The present work addresses the importance of non-mandatory internships and reflections on initial teacher training. Discussions on this theme enrich the understanding of the relevance of non-mandatory internships in the initial training of interns, as it establishes connections between theory and practice, promoting the development of competencies and skills. We started from the following guiding question: Can non-mandatory internships contribute to the initial training of educators? Our general objective is to investigate the importance of non-mandatory internships in educational practice and in the initial training of educators. To achieve this, we have the following specific objectives: a) to understand Supervised Internships and their relationship with the initial training of educators; b) to discuss non-mandatory internships for the development of teaching work; c) to analyze the teaching experiences of individuals engaged in pedagogical practice during non-mandatory internships. The methodological corpus was constituted from a qualitative research approach in education. Initially, it was characterized as exploratory, as well as a fieldwork; an online questionnaire was used as an instrument for data collection via the internet, with open-ended questions using Google Forms. The subjects are students from the Pedagogy course at the State University of Paraíba/UEPB - Campus III, Guarabira – PB. For theoretical grounding, we used the following authors: Pimenta and Lima (2010), Zabalza (2014), who discuss supervised internships; Imbernón (2011), Arroyo (2011), Pimenta (1999), Tardif (2010), to discuss initial teacher training; and also Libâneo (2013), Cordeiro (2007), who address didactic-methodological aspects concerning planning and discussions related to pedagogical practice. From this study, it was found that non-mandatory internships are very important for building teacher formation, serving as an opportune moment for many learnings and skill development. It reveals itself as an opportunity to relate theory and practice in the field of action.

Keywords: Non-Mandatory Internship; Teacher Education; Professional Experiences.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | O ESTÁGIO E OS CAMPOS DE ATUAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E SABERES INDISPENSÁVEIS AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DOCENTE..... | 14 |
| 2.1 | Um olhar reflexivo sobre o estágio supervisionado no contexto da formação inicial..... | 14 |
| 2.2 | O estágio não obrigatório enquanto percurso investigativo..... | 18 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 24 |
| 3.1 | Sobre a Pesquisa..... | 24 |
| 3.2 | Os Sujeitos e o Percurso Metodológico..... | 25 |
| 4 | AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO NA PRÁTICA DOCENTE..... | 27 |
| 4.1 | O estágio não obrigatório como ponte de conhecimento teórico-prático..... | 27 |
| 4.2 | As experiências profissionais na formação inicial: a relação entre teoria e prática durante o percurso formativo..... | 33 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 39 |
| | REFERÊNCIAS | 41 |
| | APÊNDICES..... | 44 |

1 INTRODUÇÃO

O estágio possui um papel relevante na formação inicial do estudante universitário, sendo importante para a construção e ressignificação da identidade do professor, contribuindo para a execução de seus conhecimentos na sua futura profissão.

O estágio supervisionado tem por finalidade aproximar os universitários(as) do campo de atuação. Desse modo, essa articulação entre a universidade e as instituições escolares, ocorre para que seja refletida e analisada a prática docente, se configurando como um momento oportuno para relacionar a teoria e a prática.

Pimenta e Lima (2010), argumentam a ideia de que o estágio vai muito além de uma simples prática, mas é o tempo presente que os estagiários(as) têm de perceber e refletir sobre as aprendizagens disciplinares. Além disso, possibilita muitas oportunidades como conhecer o ambiente profissional e a realidade das escolas, visto que hoje em dia encontramos uma grande diversidade cultural, social e intelectual, e essa relação nos prepara para futuros eventuais problemas.

Dessa forma, enquanto profissionais necessitamos estar preparados para esta diversidade, não sendo uma tarefa fácil para os profissionais da educação, pois é uma realidade com muitos desafios. Com isso, ao ser inserido no ambiente educacional, o(a) futuro(a) pedagogo(a) poderá conhecer, aos poucos, esse universo e ficar ciente das situações presentes na sala de aula, e essas experiências, sejam de observação ou execução, pode capacitá-lo a superar os desafios educacionais.

No âmbito universitário não ouvimos com frequência, falar em estágio remunerado/não obrigatório, talvez pelo fato das universidades darem ênfase ao obrigatório que é considerado uma disciplina vinculada ao projeto pedagógico do curso. No entanto, ele possui um papel importante na vida profissional do(a) estudante, pois possibilita sua inserção no ambiente escolar mais cedo, ainda durante a formação acadêmica, e esse contato com a sala de aula, torna-se interessante para o seu desenvolvimento profissional (Felix, 2017).

Ressaltamos a relevância na ampliação de novos conhecimentos sobre a formação inicial docente, fazendo com que essa temática possa ganhar visibilidade no meio acadêmico e na sociedade. Diante desse cenário, concordamos com Arroyo (2011) quando diz que o(a) professor(a) é visto(a) como um espelho, em que, ao executar uma prática interessante, possa frutificar bons resultados; dessa forma, compete ao estagiário(a) fazer essa relação com os saberes da experiência.

Partimos também de um interesse próprio para o desenvolvimento desta pesquisa, pois enquanto estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/Campus III, tive a oportunidade de me inserir no estágio não obrigatório, o que me proporcionou uma visão teórico-prática sobre a atuação docente. Desse modo, enfatizamos a importância da formação inicial do(a) pedagogo(a), com foco nas experiências que o estágio remunerado pode proporcionar, enquanto discentes em um curso de licenciatura.

Felix (2017), diz que é necessário que o(a) estagiário(a) tenha uma relação entre teoria e a prática, pois permitirá uma aproximação com o saber e o saber fazer, sendo uma alternativa de reflexão, tanto do professor(a) regente, quanto do universitário(a), fomentando a construção de uma melhor aprendizagem.

Nesse contexto, a pesquisa responde a seguinte questão: como o estágio não obrigatório pode contribuir na formação inicial do(a) pedagogo(a)? A escolha desta problemática surgiu da necessidade de reavaliar a formação inicial, diante do contexto atual que estamos vivendo em sociedade, a fim de compreender como o estágio pode contribuir para a realidade do(a) estudante de pedagogia, estabelecendo conexões entre teoria e prática.

Traçamos como objetivo geral investigar como o estágio não obrigatório pode contribuir na formação inicial do(a) pedagogo(a). Para consecução deste, temos os seguintes objetivos específicos: a) compreender o Estágio Supervisionado e sua relação com a formação inicial do(a) pedagogo(a); b) discutir sobre o estágio não obrigatório para o desenvolvimento do trabalho docente; c) analisar as experiências docentes de sujeitos inseridos no campo de atuação pedagógica em estágio não obrigatório.

Para a fundamentação teórica, utilizamos os seguintes autores e autoras: Pimenta e Lima (2010), Zabalza (2014), que discutem sobre estágio supervisionado; utilizamos também Imbernón (2011), Arroyo (2011), Pimenta (1999), Tardif (2010), para discutir a formação inicial docente; e ainda Libâneo (2013), Cordeiro (2007), que abordam os aspectos didático-metodológicos com abrangência para o planejamento e discussões relacionadas a prática pedagógica.

Para o corpus metodológico trabalhamos a partir de uma pesquisa com abordagem qualitativa em educação. Inicialmente caracterizou-se como exploratória, bem como, um trabalho de campo, e como instrumento para a realização da coleta de dados, utilizamos o questionário *online*, via *internet*, com perguntas abertas, utilizando o *Google Forms*. Os sujeitos foram alunas do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB - Campus III, Guarabira – PB, tendo como foco aqueles(as) discentes que participam ou participaram do estágio não obrigatório.

O trabalho está dividido em cinco partes. Na primeira parte: Introdução, que permite ao leitor ter a compreensão de como se desenvolveu a pesquisa. Na segunda parte, apresentamos um referencial teórico sobre o estágio e os campos de atuação: a construção de identidade e saberes indispensáveis ao exercício da profissão docente. Apresentamos sobretudo, um olhar reflexivo sobre o estágio supervisionado no contexto da formação inicial; discutimos um pouco acerca do estágio não obrigatório enquanto percurso investigativo.

Na terceira parte, aprofundamos na metodologia, como se estruturou a pesquisa e o percurso metodológico abordado, como também os sujeitos envolvidos na pesquisa. Seguidamente, apresentamos as análises dos dados e as reflexões acerca dos resultados. Por último trazemos as considerações finais, seguida das referências e apêndices.

Desse modo, o presente trabalho possibilita reflexões acerca do fazer docente, por meio da ação pedagógica, no estágio não obrigatório para que, assim, sejam repensadas maneiras de intervenção que contribuam para uma melhor aprendizagem, colaborando na construção da identidade docente, ou seja, buscando a reinvenção enquanto profissional da educação.

2 O ESTÁGIO E OS CAMPOS DE ATUAÇÃO: SABERES INDISPENSÁVEIS AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DOCENTE

O estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente. (Pimenta; Lima, 2010, p. 61).

A construção da identidade docente implica em processos de experiências que ao longo do percurso formativo, os(as) docentes vão adquirindo por meio das reflexões pedagógicas. Dessa maneira, o campo de conhecimento o qual o estagiário(a) se insere, possibilita que construa saberes indispensáveis para a sua formação, habilidades essenciais para comunicação e a responsabilidade enquanto futuros professores(as). Portanto, o exercício da profissão docente vai além de uma simples prática, é uma oportunidade de refletir sempre sobre a prática pedagógica, a qual torna-se um desafio, pois requer dos profissionais pesquisa, dedicação e criatividade, para que busquem propor um ambiente de aprendizagem significativo.

Neste capítulo, traçaremos reflexões acerca do estágio supervisionado obrigatório e não obrigatório, apresentando suas contribuições e desafios, para o aprimoramento do saber docente. Defendemos que essa perspectiva vai além do contexto da sala de aula, por ser um espaço para os educandos(as) mergulharem no campo da pesquisa/investigação.

Segundo Imbernón (2011), o(a) docente durante sua formação, precisa adquirir estratégias específicas para entender melhor as relações com a comunidade escolar, buscar meios para resolução de problemas e fazer um bom planejamento. Diante disso, em suas distintas dimensões, o estágio torna-se possibilidade para a construção de novos conhecimentos, voltados à formação docente e sua ressignificação, não perdendo de vista às teorias em diálogo com as práticas cotidianas na sala de aula.

2.1 Um olhar reflexivo sobre o estágio supervisionado no contexto da formação inicial

O surgimento do estágio supervisionado, deu-se devido a necessidade de observar, conhecer e entender melhor o contexto do ambiente escolar, sendo uma maneira de contribuir de forma significativa para a formação docente. Conforme o artigo 1º da Lei 11.788/08 (n/p) que dispõe sobre o mesmo, “o estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido

no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos”. Dessa maneira, o contato com o universo de trabalho, tem a finalidade de fomentar os conhecimentos dos(as) estudantes, para um melhor desenvolvimento profissional.

Para Imbernón (2011, p. 15):

a formação docente assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza.

O contato com a sala de aula na formação inicial possibilita uma visão ampliada do exercício docente, ultrapassando seus limites tradicionais. Com o tempo, à medida que surgem mudanças, os(as) profissionais precisam se adaptar, buscando novas metodologias, sendo importante reconhecer que a realidade do ensino nem sempre será positiva e que haverá momentos de incertezas.

Segundo Arroyo (2011, p. 152), “as práticas na escola se impõem a nosso olhar com tanto destaque que parecem ter existência própria”. É nesse sentido que se faz necessário o nosso olhar crítico e reflexivo, pois não é viável para nós educadores repetir todos os anos as mesmas práticas, visto que nem sempre iremos lidar com o mesmo público e as mesmas necessidades. Nesse sentido, ao assumirmos essa visão investigativa buscaremos novas metodologias que se adaptem às necessidades dos nossos(as) alunos(as), garantindo o desenvolvimento de competências necessárias para sua futura atuação profissional.

Segue exposto no § 2º da Lei 11.788/08 (n/p) que: “o estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho”. Assim sendo, os estagiários(as) ao acompanhar o desenvolvimento pedagógico de professores(as), poderão construir seus processos pedagógicos, seus conhecimentos, habilidades e competências, que venham somar de forma significativa na sua futura atuação docente.

Pimenta (1999, p. 17) destaca que é preciso, “[...] ressignificar os processos formativos a partir da reconsideração dos saberes necessários à docência, colaborando na prática pedagógica e docente escolar como objeto de análise”. Com isso, por ter uma relevância importante na formação inicial de professores(as), os cursos de formação têm que proporcionar aos universitários e universitárias caminhos e recursos que contribuam para a aprendizagem, revendo sempre se o currículo está atendendo de forma adequada na construção do conhecimento do alunado.

Nesse sentido, a formação docente vem sofrendo modificações em seu contexto educacional, sendo possível observar as suas mudanças ao longo do tempo. Como afirma Brito (2020, p. 160), “[...]vivenciamos muitas discussões e muitas mudanças para alinhar a formação de professores aos preceitos legais e às demandas da sociedade e da educação e dos professores”. Desse modo, é conhecendo a realidade da sociedade e a necessidade do(a) futuro(a) docente que essa modificação passará a ter um resultado significativo no processo de formação docente, pois só é possível intervir em uma determinada situação quando a exploramos e entendemos a respeito.

As diretrizes que se instituem, no capítulo IV da Resolução de Estágio na UEPB (2015, n/p), Art. 47 afirma que: “o estágio na UEPB caracteriza-se como Componente Curricular que objetiva ao aprendizado de competências e habilidades profissionais, promovendo a contextualização curricular e articulação entre teoria e prática”. É importante destacar, que o estágio supervisionado não ocorre de forma isolada pelos estagiários(as), mas é desenvolvido a partir de relações com as demais disciplinas do curso em formação, para que seja desenvolvido da melhor forma possível. Pimenta e Lima (2010), afirmam que esse exercício são saberes disciplinares que se complementam das disciplinas curriculares do curso, ou seja, tanto a teoria como a prática caminham juntas nesse percurso formativo.

Pereira (2021, p. 15) diz que, “[...]essa vivência, a partir de premissas empíricas, acontece por meio das atividades que são desenvolvidas no programa formativo de seu curso de graduação, que deve prepará-lo para desempenhar sua função de magistério com qualidade”. É neste espaço, que cabe ao universitário(a) mergulhar profundamente e vivenciar a experiência do estágio supervisionado da melhor forma possível, pois é observando o contexto escolar e a ação docente, que poderá ter uma base mais aprofundada para, posteriormente, saber como se inserir naquele espaço com convicção de sua prática docente.

Nesse viés, segue exposto no Art. 56 da Resolução de Estágio na UEPB (2015, n/p), citada anteriormente, que o estágio supervisionado deverá ser desempenhado sob orientações de um(a) professora(a) orientador(a), - tanto no que se refere a Universidade, como nas escolas-campo de estágio-, que acompanhem os procedimentos das observações e dê o suporte necessário para sanar as dúvidas presentes na execução das atividades. Isto se afirma no §1º do Art 56 da resolução supracitada, que “o orientador de estágio será responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário, sendo necessariamente um docente da UEPB, preferencialmente do seu quadro efetivo”.

Deste modo, é importante anotarmos tudo que observamos durante o período de estágio, pois ao finalizar o mesmo, deverá ser entregue o relatório com todas as reflexões e informações necessárias. Nessas possibilidades, Ostetto (2019) afirma que registrar o vivenciado pelos estagiários(as) é imprescindível, pois contribui para seu olhar reflexivo sobre a atuação docente, analisando e observando as propostas didáticas e a postura do(a) professor(a) em determinadas situações.

No cerne dessas discussões, é importante destacar que o estágio supervisionado vai além de uma simples prática que aproxima o estudante universitário de seu campo de atuação. Pimenta e Lima (2010), diz que é uma realidade que se estende para variadas situações, e que se compreende pela relação de três agentes, que são eles: os universitários, a instituição universitária e os centros de atividades práticas, que de forma colaborativa desenvolvem ações que contribuem para a execução da prática docente.

Em razão disso, no contexto escolar o(a) docente é direcionado(a) a desenvolver seu processo educativo, mediante a articulação entre a teoria e a prática. Segundo Fortuna (2015, p. 65) “dentro do processo pedagógico, teoria e prática precisam dialogar permanentemente, fugindo da ideia tradicional de que o saber está somente na teoria, construindo distante ou separado da ação/prática”. Assim sendo, percebe-se que no dia a dia na sala de aula, é fundamental utilizar tanto os conhecimentos práticos, como teóricos, pois um tem ligação com o outro; em que ao nos depararmos com uma situação na qual não saberemos o que fazer na prática, a teoria estará ao lado para sanar as dúvidas a serem resolvidas.

Nos cursos de graduação, como no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, existem três estágios, Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Gestão escolar ou Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o Art. 60 da Resolução da UEPB (2015), para a execução dos estágios, o(a) aluno(a) deverá estar matriculado(a) regularmente no curso, e deverá preencher todos os termos e documentos conforme solicitado pela universidade, para que, assim, inicie as atividades no campo de estágio. Arroyo (2011), relata que a prática educativa se firma por meio da ação, em que o(a) professor(a) terá um olhar mais de perto do contexto escolar, a partir de suas produções e criações.

Melo e Almeida (2014) afirmam que, ao nos referirmos à ação docente, estamos falando sobre a prática do(a) professor(a), que se concretiza no ambiente da sala de aula. Nesse contexto, é fundamental adotar uma visão abrangente sobre a avaliação e o processo de ensino-aprendizagem, os quais estão intrinsecamente ligados àquilo que entendemos como prática docente. Diante disso, Pimenta (1995, p. 60) destaca que “a essência da atividade

(prática) do professor é o ensino-aprendizagem. Ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar”.

Maurice Tardif (2010) em seu livro, *Saberes docentes e formação profissional*, relata situações no que diz respeito às transformações que ocorrem com a prática docente e a identidade profissional. Para o autor, o(a) professor(a) constrói sua identidade no dia a dia da sala de aula, por meio da interação com as pessoas, socializando e se redescobrimo enquanto profissional, sendo que ele(a) não nasce com a capacidade de ensinar, mas aprende a construir esses princípios que partem dos saberes da docência, ou seja, por meio de suas atividades. Como relata Pimenta e Lima (2010, p. 65): “além de saber os conhecimentos sobre determinada área da realidade, que se converterá no conteúdo do ensino, alia-se ao domínio de recursos teóricos e metodológicos para transmissão, partilha e socialização dos conhecimentos”.

De acordo com Imbernón (2011), durante o desenvolvimento da aprendizagem os educandos e educandas devem adquirir o máximo possível de conhecimentos, onde o educador ou a educadora possa transmitir a aprendizagem, relacionando com acontecimentos reais que são vivenciados por aquele público. Para tanto, Ostetto (2019, p. 4) afirma que, “quando os estudantes-docentes em formação adentram a escola, carregam visões impregnadas pela memória de experiências escolares de seu tempo de aluno/criança, mescladas com os conceitos e os princípios erguidos ao longo do curso de formação”. Nesse cenário, o processo formativo deve valorizar as experiências pessoais dos(as) discentes e, ao mesmo tempo, integrar o conhecimento teórico. Dessa forma, será possível promover o desenvolvimento integral dos futuros(as) educadores(as).

Nesse cenário, Tardif (2014, p. 229) aborda que: “a atividade docente se caracteriza também por uma grande complexidade do ponto de vista emocional. Os docentes vivem num espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos”. Compreendemos que é necessário valorizar as memórias dos(as) estudantes, possibilitando ter um olhar sobre as experiências vividas, ou seja, é o momento de relacionar as vivências do tempo de criança, e tudo que for observado e analisado pelos universitários(as) resgatará as memórias de situações que deixaram boas ou más recordações.

2.2 O estágio não obrigatório enquanto percurso investigativo

No Brasil, a Lei n. 11.788/2008 (n/p), diz que o estágio não obrigatório “[...] é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória”. Isto se

afirma no §2º do Art 48, da resolução da UEPB (2015, n/p), que “o estágio poderá ser obrigatório ou não obrigatório”. Nesse contexto, não é necessário que o aluno(a) realize esse estágio, pois o mesmo não é obrigatório, porém é fundamental a sua realização para àqueles(a) que têm anseio de se inserir mais cedo no contexto escolar.

O estágio não obrigatório, assim, como o estágio curricular, proporciona uma visão mais ampla para o(a) estagiário(a), pois é o momento que possibilita desenvolver essa experiência de forma mais geral, conhecendo todo o cotidiano escolar, planejamento, apresentando intervenções que possam somar com o desenvolvimento docente e da escola. De acordo com Zabalza (2014, p. 42), “ao que se refere às instituições conveniadas, cabe garantir que o ambiente de aprendizagem e de formação oferecido aos estudantes seja enriquecedor, que suponha realmente uma inserção progressiva no mundo profissional”.

Ainda sob o ponto de vista do mesmo autor, é necessário que esse ambiente seja democrático, de parceria e qualidade, pois é nele que o(a) estagiário(a) irá ganhar mais conhecimento e poderá ser um(a) profissional que se identifique com a sua área de atuação. Pimenta e Lima (2010, p. 67 - 68) destaca que “o estágio, ao promover a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do professor na sociedade”.

Segundo Zabalza (2014, p. 190), “há experiências que exigem apenas a observação e outras que requerem a participação ativa do sujeito envolvido na experiência”. Sendo assim, diferentemente do estágio obrigatório, o(a) educando(a) inserido no campo de atuação por meio do estágio não obrigatório, tem a oportunidade de intervir no processo de aprendizagem, ou seja, poderá participar de forma ativa em sala de aula, buscando dialogar e propor alternativas que contribuam com a prática docente do professor(a) regente, ao qual será o seu par experiente na sala de aula.

Arroyo (2011) diz que a troca de experiências é fundamental no processo de formação inicial de professores(as), pois é no dia a dia, inserido no campo de atuação, que o(a) estagiário(a) poderá ressignificar os seus conhecimentos e contribuir para a aprendizagem do professor(a) supervisor(a), pois ao conversar sobre os conteúdos teóricos com o mesmo(a), acontece um intercâmbio de conhecimentos entre ambos os sujeitos.

Neste cenário, Pimenta (1999) aborda que quando os professores(as) refletem sobre as suas ações práticas no cotidiano da sala de aula, eles(as) estão trabalhando em cima de suas experiências profissionais, e isto é necessário para a construção da identidade docente, se reconhecendo de forma reflexiva no processo formativo. É importante refletir que o estágio não obrigatório tem uma abrangência maior na formação inicial, pois os alunos(as) terão uma

carga horária maior, com 20 horas semanais no campo de atuação, proporcionando uma experiência mais fundamentada.

Tardif (2014, p. 228, grifo nosso) afirma que “é no trabalho de reflexão individual e coletivo que eles [docentes] encontrarão os meios necessários ao desenvolvimento profissional”. Assim sendo, como relata Luckesi (2018) devemos refletir e estar cientes do ato de ensinar de acordo com o nível de desenvolvimento do público alvo que iremos trabalhar, visto que o ensino só terá bom aproveitamento para as crianças se estiver de acordo com a sua realidade. Então, enquanto educadores(as) devemos reavaliar sempre a nossa prática docente, em razão de proporcionar um desenvolvimento educativo com excelência.

Segundo Libâneo (2013, p. 246) “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto escolar”. Essa articulação, irá fazer com que(a) professor(a) se prepare bem antes de entrar em sala de aula, para que possa planejar o que deve ser feito, posteriormente, de acordo com a realidade dos seus alunos(as) e não ficar perdido sem saber o que fazer.

Portanto, o(a) estagiário(a) como agente ativo no processo de ensino junto com o(a) professor(a) regente, podem se articular e trocar ideias na construção do planejamento, com aulas mais atrativas e que contribuam de forma significativa na aprendizagem das crianças. Cordeiro (2019, p. 113) afirma que “aprender e ensinar só são possíveis pela intervenção do outro. São, portanto, atividades que se desenvolvem por meio de uma relação”. Em razão disso, é que se faz necessário que se desenvolva uma relação saudável entre o estagiário(a) e o supervisor(a), o qual oportuniza uma aprendizagem relevante para ambos.

Libâneo (2013) diz que o planejamento escolar é desenvolvido para que sejam alcançados resultados positivos na aprendizagem dos alunos e alunas, mas é importante lembrar que nem sempre esse planejamento ocorrerá de forma eficiente, pois ao se tratar de um contexto escolar tudo pode acontecer. Porém, o planejamento é um suporte para o trabalho do(a) professor(a), proporcionando tomadas de decisões e articulações.

Segundo Cordeiro (2007, p. 99), “[...] a linguagem é estruturante da relação pedagógica e têm poderosa influência na aprendizagem dos estudantes”. Portanto, a linguagem do professor(a) deve ser clara, pois influencia em nosso desenvolvimento profissional, sendo necessário adaptarmos a nossa linguagem à realidade do nosso público alvo, pois a maneira pela qual falamos interfere na assimilação do conhecimento, e ao adaptarmos a nossa linguagem estaremos proporcionando uma aprendizagem mais significativa às crianças.

Como abordado por Freire (2021), ensinar vai muito além de transferir conhecimento, e por isso devemos criar um ambiente propício, com maneiras e possibilidades que proporcionem uma vivência e aprendizado significativo para os alunos(as). Assim sendo, Zeichner (2008) relata que “os professores precisam saber o conteúdo acadêmico que são responsáveis por ensinar e como transformá-lo, a fim de conectá-lo com aquilo que os estudantes já sabem para o desenvolvimento de uma compreensão mais elaborada”.

O estágio não obrigatório tem esse papel interessante, pois como afirma Silva *et al.* (2018, p. 208), “no estágio, realizamos atividades de observação e participação que auxiliarão a pensar sobre a futura atuação dos alunos como docentes, momentos singulares de implicações pela aproximação com o grupo de alunos e a professora regente de sala”. Esse momento de vivência na escola é importante para uma visão investigativa, compreendendo o espaço escolar, como um laboratório para o professor/estagiário(a), o qual refletirá sobre as práticas e os processos de ensino e aprendizagem.

Zabalza (2014, p. 115) diz que o estágio não obrigatório proporciona um período de tempo maior no campo de trabalho, ou seja, “é continuar aprendendo em um contexto não acadêmico”. Desse modo, devemos perceber o estágio como pesquisa, que estamos ali como integrantes daquela comunidade escolar, mas também no papel de refletir sobre as práticas docentes observadas, e aprender como estão sendo propostas aos alunos(as), se faríamos da mesma forma, e ajudar o professor(a) regente a pensar outros caminhos possíveis de atualização pedagógica, para um melhor entendimento das crianças.

Pimenta e Lima (2010, p. 51), aborda sobre o estágio como pesquisa e enfatiza que ele

abre possibilidade para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio.

Se faz necessário perceber a importância da pesquisa durante o percurso acadêmico do(a) estagiário(a), tendo em vista que a mesma objetiva explorar e entender os processos relacionados ao desenvolvimento da aprendizagem, no que diz respeito ao ensino das práticas, e como os conhecimentos estão sendo assimilados pelas crianças, ou seja, os seus desafios e efeitos. Para tanto, Ostetto (2019, p. 6) discute que, “assumir o exercício da pesquisa como um dos eixos do estágio, potencializando ações como observar, registrar, analisar, discutir os dados encontrados e tentar reparar em contradições e questões importantes para o trabalho docente, faz a diferença no percurso”.

Ao trilharmos o estágio como investigação iremos compreender além dos procedimentos metodológicos do ensino aprendizagem, a analisar seus diversos aspectos, como as atividades desenvolvidas, aprendizagens adquiridas, as dificuldades enfrentadas tanto pelos alunos(as) como dos(as) professores(as), e também os resultados obtidos. Compreendemos ainda, com Silva (2014, p. 13), que “os momentos vivenciados durante o estágio devem ser retomados em sala de aula [...], por meio de um diálogo coletivo crítico, ocasião em que poderá ser construída por uma proposta que supere a realidade encontrada”.

Por outro lado, vale destacar a crítica feita por Barcelos (2006, p. 74) quando aponta que, em alguns casos, “os estagiários mais críticos e comprometidos acabam se sentindo alvo de contradições e promessas não concretizadas, pessoas estranhas à escola, para não dizer, em algumas situações, indesejadas”. Diante disso, ao ser visto(a) pelos(as) professores(as) regentes como pesquisador(a), muitas vezes os(as) estudantes em campo não tem tanta abertura em sala de aula, pois são compreendidos(as) como pessoas que estão ali apenas para julgar a prática docente.

Seguindo esse pensamento, Zabalza (2014, p. 186) diz que: “não se trata de promover a reflexão pela reflexão, [...] mas de articular uma experiência de trabalho em cenários profissionais reais, onde os estudantes aprendam a ir além da análise técnica das atuações concretas que são chamados a realizar”. Sendo assim, os(as) universitários(as) ao assumirem o seu papel de pesquisador(a) em campo de atuação, irão buscar meios de promover melhorias para a prática docente, apresentando propostas de intervenção.

Outro fator importante, é o registro do diário de bordo, com anotações relevantes sobre cada dia do estágio obrigatório e estágio não obrigatório. Segundo Pimenta e Lima (2010) os registros por meio da escrita no diário de bordo redirecionam o professor(a) no caminho das reflexões, a partir da realidade que foi vivenciada pelos estudantes. Essa atitude investigativa permite ter uma visão daquilo que foi executado durante as aulas, onde o diário de bordo servirá como apoio, para quando necessário, buscar informações que ajudem a entender e estruturar ideias. Além disso, é muito importante anotarmos tudo que se passa nas aulas, tanto para a nossa aprendizagem enquanto professores(as) em formação, quanto para a organização das ideias, que iremos necessitar para a construção do relatório de estágio.

Luckesi (2018) afirma que há uma grande diversidade de decisões a serem consolidadas na ação docente em razão da busca de bons resultados, por meio da ação pedagógica. No contexto escolar, iremos nos deparar com várias situações, mas no que diz respeito às ações pedagógicas enquanto educadores(as) devemos estar atentos(as) e buscar sempre estratégias de ensino que sejam adequadas à realidade das crianças, criando um

ambiente favorável e acolhedor que estimule os(as) alunos(as), a se envolverem na construção do conhecimento. Como afirma Cordeiro (2019), temos que ter sempre como foco a aprendizagem do nosso aluno(a), não fugindo dessa ideia, pois são eles(as) que nos proporcionam ter contato com a sala de aula, para que, assim, possamos executar estratégias de ensino para uma melhor aprendizagem.

Neste cenário, os cursos de graduação para formação docente, assim como em outras graduações, apresentam em seus currículos momentos práticos em campo de atuação, por meio do estágio não obrigatório. Mediante essa experiência, os(as) universitários(as) poderão relacionar os aspectos teóricos e práticos, nos contextos escolares. Em que, tanto no estágio supervisionado obrigatório, quanto no estágio não obrigatório, haverá momentos oportunos para discussões e aprofundamentos que possibilitem aos educandos(as) alternativas para superar suas dificuldades/limitações, além dos muros da universidade.

3 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo investigar a importância do estágio não obrigatório na prática educativa e na formação inicial do(a) pedagogo(a). Diante disso, esse momento proporciona aos universitários(as) vivenciar experiências reais durante a formação acadêmica, com a finalidade de complementar os conhecimentos teóricos, com as experiências práticas vivenciadas em campo. Sendo assim, a metodologia torna-se importante para a contextualização do desenvolvimento da pesquisa, pois é “[...] o caminho do pensamento da prática exercida na abordagem da realidade”. (Minayo, 1994, p. 16).

Neste capítulo, construímos discussões pertinentes a essa pesquisa, e abordamos os procedimentos metodológicos, técnicas e instrumentos que foram utilizados para a coleta de dados, os sujeitos participantes e o caminho percorrido, fazendo uma breve relação entre teoria e prática.

3.1 Sobre a Pesquisa

Para Gil (2009, p. 17), “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Desse modo, a pesquisa está voltada a procedimentos executados para investigar problemas, tendo como finalidade ampliar os conhecimentos já existentes, como também descobrir novos conhecimentos.

A pesquisa em estudo se classifica como pesquisa qualitativa, que de acordo com Oliveira (2007, p. 37), é “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

O trabalho configura-se também como uma pesquisa de campo. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 169), “pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar”. Ou seja, é o momento em que temos um contato mais de perto com o nosso objeto de estudo.

Para essa pesquisa, foram adotados métodos científicos e técnicas para a obtenção dos resultados, que buscamos responder através do problema de pesquisa: como o estágio não obrigatório pode contribuir na formação inicial do(a) pedagogo(a)?

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário, aplicado por meio da *internet*, através do *Google forms*, com questões abertas, relacionadas aos objetivos da pesquisa. Segundo Malheiros (2011, p. 137) os questionários, “são formados por um conjunto de questões agrupadas que trazem as possíveis respostas (hipóteses) previstas por quem o desenvolveu”.

Em relação ao questionário vale ressaltar que Marconi e Lakatos (2010, p. 184), dizem que “[...]é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. O que torna frágil esse instrumento de pesquisa, pois, o pesquisador não tem contato direto com o objeto de estudo, ou seja, ele irá se basear apenas nas respostas que foram coletadas no questionário.

Contudo, mesmo sabendo de sua fragilidade, utilizamos esse instrumento de pesquisa, tendo a ciência de que o mesmo atendeu aos nossos propósitos, pois contribuiu com a coleta de dados sobre a realidade vivenciada pelos estagiários(as) de maneira mais prática e rápida, levando em consideração a disponibilidade de tempo entre entrevistador e entrevistados.

Além disso, esse instrumento possui uma utilidade econômica de baixo custo, em relação a distância entre os envolvidos na pesquisa, podendo ser distribuída de forma *online*, permitindo a comparação de respostas, como também a disponibilidade para refazer às perguntas, caso necessário, em seu devido tempo.

3.2 Os Sujeitos e o Percurso Metodológico

Esta pesquisa foi realizada com (03) estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III/Guarabira - PB, que participam/participaram do estágio não obrigatório. A identificação desses sujeitos, deu-se devido a um diálogo sobre a importância do estágio, com os(as) mesmos(as), o qual relataram suas presenças no campo de trabalho, por meio do estágio não obrigatório. Em razão disso, a escolha desses sujeitos contribuiu para responder às questões de pesquisa, possibilitando compreender a sua importância para a formação docente.

Desta forma, foi realizada a aplicação do questionário *online* para a coleta de dados; e as respostas foram transcritas, mantendo a rigorosidade do estudo. Foram entregues anteriormente Termos de Livre Consentimento para a devida permissão da coleta e uso de informações necessárias durante a análise dos dados.

A primeira participante é Jasmim, tem 23 anos, cursa o 8º período do Curso de Pedagogia, possui 2 anos de experiência como estagiária em uma turma do pré-escolar, porém após a finalização do estágio foi contratada como auxiliar de sala de aula, tendo experiência profissional de 1 ano, na turma do pré-escolar.

A segunda participante, Violeta, tem 20 anos, cursa o 4º período do Curso de Pedagogia, possui experiência de 3 meses como estagiária, em uma sala de aula do ensino regular, com alunos(as) do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, anos iniciais.

A terceira é Rosa, tem 21 anos, cursa o 8º período do Curso de Pedagogia, possui 2 anos de experiência como estagiária em uma turma do pré-escolar, porém, após a finalização do estágio, foi contratada pela instituição para atuar na secretaria da escola, tendo como experiência 1 ano de trabalho.

É importante enfatizar, que os dados aqui apresentados foram adquiridos através do questionário de caracterização que foi entregue juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido.

Para a concretização da pesquisa, foi elaborado e aplicado um questionário estruturado de forma *online* com 10 perguntas abertas (ver apêndice 1), com a finalidade de compreender a contribuição do estágio não obrigatório para a formação docente. O instrumento de pesquisa (questionário) foi enviado via *Google Forms*, e foi respondido pelas participantes da pesquisa entre os dias: 22 e 27 de agosto de 2024.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO NA PRÁTICA DOCENTE

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 2021, p. 22).

O estágio não obrigatório, torna-se um espaço fundamental para a construção da identidade docente, pois ele permite inúmeras possibilidades para que o estagiário(a) possa ser um agente ativo no processo de aprendizagem, experimentando, buscando e refletindo sobre as ações pedagógicas em sala de aula. Ou seja, é um percurso de aprendizagem que enriquece a formação docente.

Neste capítulo, buscamos fazer uma ponte entre os referenciais teóricos estudados para elaboração da monografia, relacionando com a análise de dados que foi realizada a partir de uma reflexão dos discursos dos sujeitos entrevistados, a fim de oferecer um entendimento sobre a construção da formação de professores(as), através das vivências e experiências das estagiárias no Estágio não obrigatório.

Sendo assim, atribuímos nomes fictícios às estudantes, participantes da pesquisa, para garantir a confidencialidade em relação às suas identidades. Desse modo, para identificação das participantes destacamos dentro do texto, as suas falas em forma de citação direta, e apresentamos as análises das falas das estagiárias que contribuíram para a elaboração do estudo. Segundo Gil (2017, p. 82), “a interpretação dos dados consiste fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos”.

Dividimos o capítulo de apresentação e análise dos dados em dois subtópicos. O primeiro versa sobre o papel do estágio não obrigatório e a contribuição de conhecimentos teóricos-práticos; no segundo, tratamos sobre as experiências profissionais em relação à teoria e prática na formação inicial.

4.1 O estágio não obrigatório como ponte de conhecimento teórico-prático

O estágio é o momento em que os(as) acadêmicos(as) têm a oportunidade de ter um contato direto com o fazer docente. Esse contato possibilita uma nova visão para estagiários(as) sobre a docência, momento oportuno para refletir a teoria e a prática vivenciadas no percurso acadêmico, como também novas descobertas e as ações pedagógicas.

Nesse tópico, iremos apresentar os relatos de experiência das estagiárias do Curso de Pedagogia, inseridas no âmbito escolar, por meio do estágio não obrigatório. Considera-se que por meio desse contato com o campo de conhecimento, elas puderam ter uma visão melhor da docência, se reconhecendo enquanto profissionais da área em atuação.

Na primeira questão, perguntamos às informantes o motivo pelo qual elas resolveram realizar o estágio não obrigatório. Obtivemos as seguintes respostas:

Jasmim: Para descobrir um pouco como é o dia a dia do docente em sala de aula.

Violeta: Porque foi a maneira de adquirir experiências e oportunidades.

Rosa: O estágio não obrigatório apareceu como uma oportunidade de crescer na minha área profissional. Deste modo, eu quis esse estágio pelo fato de ter interesse em aprender na prática o que as teorias da faculdade me apresentavam.

Diante das respostas obtidas na questão 1, é possível observar o anseio das entrevistadas em conhecer o espaço escolar. O estágio permite essa aproximação com o campo de atuação, pois “o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer algo ou ação”. (Pimenta e Lima, 2010, p. 28). Sendo assim, ao analisar as discussões das estagiárias é notório que elas partilham do mesmo pensamento que é adquirir experiência profissional, tendo a possibilidade de conhecer e refletir sobre as ações docentes em sala de aula e fazer ligações entre teoria e prática, preparando-se para os desafios que surgirão nas oportunidades futuras.

Fortuna (2015), argumenta que a relação entre teoria e prática possibilita aos(às) estagiários reflexões sobre as ações que são desenvolvidas no contexto escolar, ou seja, ambas são inseparáveis. A teoria apresenta conceitos teóricos de determinado conteúdo, enquanto que a prática permite vivenciar esses conceitos por meio das ações docentes. Assim como a participante Rosa relata que o estágio permite aprender na prática o que as teorias da faculdade apresentam.

Diante disso, Pacheco *et al.* (2017, p. 335) discutem que:

o discente em formação necessita articular, sistematizar e aperfeiçoar os saberes através da unicidade teoria-prática, pois dessa maneira estará produzindo conhecimento para si, para que, como futuro educador, possa tornar a educação significativa para os educandos.

Para tanto, ao se inserir no campo de conhecimento, as estagiárias puderam relacionar a teoria com a prática, seja por meio das observações do fazer docente, ou praticando as ações pedagógicas. Este momento é oportuno para experimentar e identificar quais teorias se relacionam com as práticas executadas no âmbito da sala de aula.

Na segunda questão perguntamos: quanto tempo você permaneceu/ou permanece no Estágio Não Obrigatório? O que as informantes responderam:

Jasmim: 2 anos

Violeta: 3 meses como estagiária

Rosa: 2 anos

Ao observar as respostas da questão 2, podemos compreender que duas das participantes permaneceram no estágio durante um bom tempo. E isso é bem interessante, visto que esse tempo percorrido é uma oportunidade valiosa para as estagiárias, pois possibilita refletir sobre o seu próprio crescimento enquanto profissionais e pessoas; como também permite se familiarizar com o ambiente escolar, adquirir novas habilidades e estabelecer relações importantes para o fazer docente. Silva e Gaspar (2018, p. 208) dizem que, “trata-se de um momento fundamental da formação, capaz de explorar as demandas impostas diariamente na sala de aula”.

Segundo pressupõe Arroyo (2011), os saberes da experiência são fundamentais para a construção da formação docente, pois são essas experiências que permitem uma formação com embasamento melhor, no qual possibilita momentos reflexivos sobre a prática pedagógica. O autor ainda segue relatando que devemos levar para as pautas de encontros pedagógicos as reflexões do nosso fazer docente, para que sejam analisadas e pensadas práticas que permitam uma aprendizagem significativa para os educandos, ou seja, possibilitar um ambiente de troca de experiências entres os educadores.

Tardif (2010) ressalta que, os saberes da experiência dos professores não necessariamente são retirados da pesquisa, ou até mesmos são práticas receituárias (prontas), mas elas podem ser compreendidas através do dia a dia em sala de aula, convivendo com as adversidades que estão presentes no cotidiano escolar. Assim sendo, os(as) docentes podem utilizar um leque de possibilidades, mas isso só é possível quando se há experiências profissionais, que podem ser adquiridas em campo de atuação. Em relação as estagiárias esse tempo, certamente, será fundamental na construção dos saberes da experiência.

Na questão 3 perguntamos se as estagiárias já atuam em sala de aula na sua área de formação e qual função as mesmas exercem. Elas responderam o seguinte:

Jasmim: No momento estou como auxiliar de sala.

Violeta: Não, sou professora de oficinas (jogos de tabuleiro, aprender brincando e Avalia Brasil).

Rosa: Não em sala de aula, mas na secretaria da escola.

Analisando as respostas da questão 3, podemos perceber que as participantes estão atuando dentro do contexto escolar, mas em funções diferentes. E isso é interessante, pois compreendemos que o campo da Pedagogia é amplo, visto que, não necessariamente, é preciso atuar em sala de aula. O(a) profissional da Pedagogia pode desenvolver outras funções dentro do âmbito escolar, ou seja, atuando junto aos membros da escola.

Libâneo (2002) discute que o campo da Pedagogia assume uma amplitude de atuação, o qual tem abrangido outros espaços para além da sala de aula. Portanto, essa vasta diversidade de atuação na Pedagogia, ajuda os(as) discentes a aprimorarem a prática educacional e a encontrarem seu caminho profissional.

Observamos que todas as entrevistadas estão inseridas nas atividades escolares, em particular Jasmim e Violeta que estão inseridas na sala de aula. Por mais que não sejam como titulares de sala, elas estão construindo experiências de trabalho, diretamente ligadas às ações da sala de aula, desenvolvendo atividades pedagógicas.

Arroyo (2011, p. 135) afirma que, “somos sujeitos de nossa história”. Desta forma, é possível identificar isso quando o(a) professor(a) precisa se ausentar em um determinado dia, e os(as) auxiliares têm que assumir a sala de aula. É essa oportunidade de assumir a sala de aula por um dia, que nos permite executar as nossas vivências e construir experiências profissionais, revisando e aprimorando nossa atuação docente enquanto estagiários(as).

Na perspectiva dos autores Silva *et al.* (2024, p. 46), “o uso de jogos pedagógicos é uma estratégia que pode ser utilizada para engajar e motivar os alunos em sala de aula”. Diante disso, fica evidente que a participante Violeta é responsável no ambiente escolar em proporcionar aos alunos e alunas, momentos de aprendizagem por meio dos jogos; atividades essas, que tem a capacidade de possibilitar, aprendizagens significativas aos(às) estudantes, despertando a concentração, curiosidade, imaginação e principalmente o interesse em participar das aulas.

De acordo com Jean Piaget (1973), a brincadeira é essencial para o desenvolvimento das crianças durante o processo formativo, pois as crianças podem se expressar por meio delas, da forma que se sentem à vontade. É diante dos momentos de brincadeiras, que os sujeitos aprendem a se relacionar e construir seus próprios conhecimentos.

Em concordância com Marques *et al.* (2021), o uso de programas, ou seja, das metodologias ativas utilizadas no contexto escolar é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da aprendizagem dos(as) educandos(as), visto que a execução dessas atividades permite obter aprendizagens significativas. Desse modo, essas atividades possibilitam experiências riquíssimas, tanto para as crianças como para a estagiária, que passa

a perceber que as crianças podem aprender de várias formas, não se limitando apenas a atividades escritas.

Na questão seguinte, indagamos: quais são as atividades que você desenvolve no estágio não obrigatório? Obtivemos as seguintes respostas:

***Jasmim:** Ajudo a docente a desenvolver as atividades que ela planeja, auxilio os alunos, tirando dúvidas ou dando orientações.*

***Violeta:** Auxílio nas oficinas propostas pela escola.*

***Rosa:** Auxílio à professora, ajudar as crianças nas atividades escritas e físicas, desenvolver propostas lúdicas e participar de formações e planejamentos.*

Arroyo (2011, p. 152), afirma que “somos o que produzimos. Nosso fazer é o nosso espelho”. Diante disso, ao analisar as respostas da questão 4, constatamos que aprendemos vendo o outro fazer algo, ou seja, observando o fazer docente. Ao acompanhar a prática pedagógica de um(a) professor(a), as metodologias aplicadas em aula, como são planejadas as atividades propostas, são fatores que contribuem para o processo de desenvolvimento da formação docente.

Libâneo (2013), relata que o meio ao qual pode-se organizar as ações docentes, é através do planejamento, momento este de observação, reflexão e pesquisa. Sendo assim, o planejamento é necessário para desenvolver ações concretas e alcançar os resultados desejados.

Luckesi (2002) aborda que, as propostas lúdicas vão além de um simples brincar, e podem ser vivenciadas por meio de leituras, diálogos, dinâmicas, participação ativa nas aulas, entre outras atividades. Diante disso, a ludicidade no contexto escolar é muito importante, pois envolve o alunado no processo de aprendizagem, permite o desenvolvimento de atividades em equipe, a motivação em realizar os exercícios lúdicos, como também ajuda as crianças a assimilarem o conteúdo de forma mais dinâmica e prazerosa. Dessa forma, o planejamento de propostas lúdicas, é fundamental para que, futuramente, os estagiários e estagiárias possam refletir sobre as ações docentes, e desenvolver aulas mais dinâmicas.

Além disso, observamos que as estagiárias criaram uma relação pedagógica com as crianças, mesmo não sendo as auxiliares da sala. Cordeiro (2007, p. 98) discute que, “a relação pedagógica engloba o conjunto de interações que se estabelece entre o professor, aluno e o conhecimento”. Essa relação é um aspecto importante para a construção da identidade docente das estagiárias, pois ajuda a desenvolver novas habilidades, a pensar criticamente, como partilhar o conhecimento, havendo a troca de experiências.

Com isso, Cordeiro (2007, p. 112) diz que, “trata-se de perceber que os alunos têm um papel ativo na relação pedagógica, e que esta, portanto, não pode ser controlada pelos professores”. Sendo assim, devemos proporcionar sempre a participação ativa das crianças em nossa sala de aula, para que elas possam ser o centro da aprendizagem, construindo seus conhecimentos coletivamente, por meio da interação.

Na questão 5, perguntamos: durante sua inserção no estágio remunerado, você encontrou/ou encontra dificuldades em relação ao campo de atuação? Justifique sua resposta. As estagiárias responderam:

***Jasmim:** A sala de aula é um verdadeiro desafio, o professor sempre tem que estar preparado para possíveis problemas, mas não encontrei nenhuma dificuldade diante meu período de estágio.*

***Violeta:** Sim, surgem novos desafios todos os dias. E é através dessa oportunidade que estou aprendendo a lidar com as variadas situações durante as aulas.*

***Rosa:** Encontrei, mas as dificuldades foram sendo cessadas ao longo do Estágio. O fato de ter tido dificuldades, foi logo no início, devido a ser o primeiro contato em sala de aula, fiquei um pouco perdida e tímida, porém, com a ajuda da professora titular da sala, o meu desenvolvimento melhorou bastante.*

Por meio desses relatos, percebemos que o contexto escolar apresenta muitos desafios e dificuldades, o qual podemos observar melhor durante o período de formação inicial. Diante disso, Pozo (2002, p, 60) diz que, “aprender implica mudar os conhecimentos e os comportamentos anteriores”. Ou seja, os problemas encontrados em sala de aula, servem para que possamos observar, refletir e buscar meios que nos leve a superar os desafios presentes no campo de experiências. Essas dificuldades fazem parte do processo de formação docente, pois são elas que irão contribuir para o nosso desenvolvimento profissional.

É possível também observar na fala das participantes Jasmim e Rosa, a insegurança em falar que não encontraram dificuldades, durante o período de estágio. Sob a luz das teorias, Santos *et al.* (2012) afirmam que, durante o processo formativo os(as) discentes em formação inicial passam por dificuldades no ambiente escolar, seja através na organização de planejamentos, manter um ambiente agradável em sala de aula, ou construir uma relação saudável entre professores(as) e alunos(as). Então, são inúmeros fatores que podem estar relacionados aos desafios que podemos encontrar durante o processo formativo.

Nesse sentido, cada etapa vivida durante o estágio é de fundamental importância para a construção da identidade docente, em que os(as) estagiários(as) vivenciam desafios que encontram no campo de atuação. Além disso, essa experiência no ambiente profissional fomenta a construção de novos conhecimentos, como também nos faz pensar além daquilo que está ao nosso alcance.

4.2 As experiências profissionais na formação inicial: a relação entre teoria e prática durante o percurso formativo

Dando continuidade à apresentação e análise dos dados, seguimos, nesse tópico, com os relatos das estagiárias, focando um pouco mais nas experiências profissionais, e nas contribuições que essas vivências, no chão da escola, puderam agregar em relação a sala de aula. Trouxemos reflexões de como o estágio não obrigatório pode contribuir, de modo positivo, na futura atuação docente desses informantes.

Em relação à questão 6 perguntamos às estagiárias como elas descrevem a experiência e atuação na escola, durante o período de estágio remunerado. Elas responderam o seguinte:

Jasmim: Foi uma experiência boa, onde consegui ter a certeza de que estava no curso certo e que essa era a profissão que eu queria seguir.

Violeta: A experiência está sendo um momento de aprendizado muito importante.

Rosa: Foi um percurso de muito aprendizado. Foi uma experiência única e colaborativa. Durante os dois anos de Estágio, eu aprendi inúmeras coisas que levarei comigo pelo resto da vida, seja profissional, social e pessoal.

Ao analisar as respostas das entrevistadas, compreendemos a satisfação e o reconhecimento de terem feito uma boa escolha em dar o primeiro passo no estágio não obrigatório, momento oportuno para adquirir aprendizados; ou seja, elas compreendem, “o estágio como momento de situação de aprendizagem” (Zabalza, 2014, p. 180). Isso se afirma na resposta de Violeta, quando ela diz que esse momento de aprendizado possibilita o desenvolvimento de uma boa aprendizagem docente. Observamos, ainda nos relatos das estagiárias, que as mesmas se identificaram com o curso.

Percebemos que o estágio permitiu as participantes adquirirem experiências profissionais, pois a aprendizagem docente ocorre principalmente na prática, enriquecida pela teoria. Segundo Silva e Gaspar (2018), é por meio das experiências vivenciadas em sala de aula, observações e participações, que percebemos as respostas de muitas dúvidas frequentes que ocorrem diariamente no contexto escolar, e também é de onde surgem novas perguntas. Dessa forma, as vivências dos estagiários(as) observando a prática dos(as) professores(as) instigam os(as) discentes a conhecerem melhor o fazer docente expressos nesse ambiente.

Gorzoni et al. (2017, p. 1.402) discutem sobre o desenvolvimento profissional que:

significa buscar mudanças nas condições de aprendizagem e nas relações em sala de aula, participação no desenvolvimento do currículo, envolvimento e interferência

nas condições da escola e no contexto extraescolar. Também cabe à formação inicial e continuada acionar o pensamento estratégico, ou seja, os métodos que norteiam a tomada de decisões, a resolução de problemas, bem como os projetos e análises das práticas.

Assim sendo, espera-se dos estagiários(as) que carreguem consigo para a vida as aprendizagens e vivências percorridas durante o estágio, situações essas que contribuirão para o desenvolvimento docente, com responsabilidade, tanto profissional quanto pessoal. Como também, a capacidade de perceber as práticas docentes para além das entrelinhas, e levar para as reflexões necessárias do fazer docente. Ou seja, por meio dos desafios expostos no campo de atuação, é importante percebermos e assumirmos uma postura investigativa, para que futuramente possamos realizar transformações sobre o fazer docente.

Na questão seguinte, indagamos: o que o estágio não obrigatório possibilita em relação às experiências pessoais e profissionais? Obtivemos as seguintes respostas.

Jasmim: *Possibilita aos discentes adquirir experiências que levaram para sua vida profissional, o estágio traz muito conhecimento que às vezes não conseguimos compreender na teoria.*

Violeta: *Possibilita autoconhecimento sobre qual o perfil de profissional que desejo ser e o conhecimento sobre a área que estou cursando.*

Rosa: *Aumento de saber pedagógico, aprender a lidar com situações em sala de aula e com o ser humano, conhecimento além do material didático, aprender a ter mais empatia, amizade e respeito.*

Pimenta e Lima (2010) relatam que, muitas vezes, há situações teóricas que não conseguimos compreender, quando apenas temos sobre elas o conhecimento teórico, mas que passamos a entender melhor quando vivenciamos essa ação na prática. Isso se configura na resposta de Jasmim, quando a mesma diz que muitos conhecimentos que o estágio nos proporciona não conseguimos compreender apenas com a teoria. Como sustenta Pimenta (1999, p. 20), “os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática”. Desse modo, são essas experiências no dia a dia do contexto escolar, que as estagiárias levarão para sua vida, como futuras educadoras.

Esse contato, com o campo de conhecimento, oportuniza a construção de uma identidade docente muito mais consciente. Os sujeitos passam a se colocar no lugar do outro, a compreender como resolver situações inesperadas em sala de aula, e a ressignificar as metodologias para que não recorram apenas ao livro didático. Também passam a compreender que o Curso de Pedagogia é um campo bem diverso, que possibilita ao profissional atuar no contexto escolar, para além da sala de aula. Segundo Imbernón (2011, p. 60), é durante a

formação inicial que os discentes adquirem esses conhecimentos: “a formação inicial deve fornecer bases para poder construir esse conhecimento pedagógico”.

Nóvoa (2017) aborda a respeito do autoconhecimento profissional, e diz que por meio da atuação docente, podemos nos reconhecer e nos reconstruir. A estudante Rosa, afirma que o estágio possibilita autoconhecimento; ou seja, esse elemento é fundamental para o reconhecimento de qual profissional ela quer ser, e isso é extremamente importante para a sua formação, tornando-a uma profissional mais preparada, satisfeita e comprometida com a caminhada profissional. Posto isso, passamos a ter a convicção da nossa responsabilidade e qual profissional desejamos ser futuramente, vivendo a docência com clareza.

Na questão 8, perguntamos às colaboradoras da pesquisa, quais as contribuições do estágio não obrigatório para a formação acadêmica. Alcançamos as seguintes respostas:

***Jasmin:** Me trouxe muita aprendizagem, uma noção de como ministrar minhas aulas, e absorver muito conhecimento das docentes que observei durante o estágio.*

***Violeta:** Contribui para ganhar experiência com um primeiro contato com a sala de aula, o reconhecimento como professora, e a partir disso conseguir novas oportunidades.*

***Rosa:** Com o estágio eu consegui abranger o meu conhecimento na faculdade. Possibilitou-me a entender a relação entre teoria e prática. Além de compartilhar as vivências e experiências que tive em sala de aula com os meus colegas de classe.*

Por meio das contribuições dos relatos das participantes na questão 8, podemos observar que o estágio não obrigatório permitiu às estagiárias entender melhor sobre o contexto escolar, como são tomadas as iniciativas e decisões, o desenvolvimento do trabalho pedagógico e como relacionar os conhecimentos teóricos e práticos. Zabalza (2014) afirma que a inserção do(a) estudante em campo de atuação, contribui para o desenvolvimento de habilidades, situa o educando em seu espaço profissional, como também possibilita abranger o conhecimento e entender melhor as situações expostas diariamente.

Conforme Ostetto (2019 p. 12), o estágio:

[...] afirma-se como espaço precioso de encontros formativos, que se dão pelo entrecruzamento de olhares, saberes e fazeres – das estagiárias, das crianças, das professoras que recebem as estagiárias em suas salas e grupo –, e fertilizam aprendizagens significativas sobre a prática docente.

Em razão disso, é notório perceber esse intercâmbio de conhecimentos entre os sujeitos que estão inseridos na comunidade escolar, como exposto pelas entrevistadas ao observar a prática da professora e o compartilhamento de experiências. Diante disso, compreendemos que as aprendizagens não se limitam apenas ao fazer docente, mas ao conhecimento do estagiário que torna-se imprescindível. Libâneo (2013, p. 275) afirma que,

“o trabalho docente nunca é unidirecional”. Portanto, o fazer docente não terá apenas uma direção que é tomar um posicionamento passivo em sala de aula, mas é onde os envolvidos no processo possam dar as suas contribuições e encontrar vias significativas para a aprendizagem do nosso alunado.

Na nona questão perguntamos: Você considera que o estágio remunerado contribuiu/ou contribui para o desenvolvimento de futuras práticas pedagógicas? Justifique. O que as informantes responderam:

***Jasmim:** Com certeza contribui, o estagiário sai dali já com um pouco de noção de como é a rotina de uma sala de aula, ele não cai de paraquedas na sala, pois muitas coisas só conseguimos compreender na prática e o estágio nos permite isso.*

***Violeta:** Sim, porque é através dele que começo a entender o funcionamento da prática pedagógica e isso me possibilita uma nova visão sobre o ensino ao decorrer dos dias.*

***Rosa:** Sim, com certeza. Contribuiu bastante. Foi uma oportunidade de reflexão e saber; ou seja, eu aprendi muitas coisas que irei aplicar em sala quando eu for professora. Costumava observar e entender as práticas existentes em torno da escola que estagiei, pois eu sempre tive o pensamento que eu iria levar para os meus futuros alunos.*

Diante das respostas obtidas nesta questão, todas as informantes consideram que o estágio remunerado tem sua contribuição significativa para a formação docente, pois possibilita experiências práticas. Os(as) discentes poderão ressignificar aquelas práticas aprendidas em situações reais, adaptando o contexto pedagógico à realidade em estudo, como também estimular o desenvolvimento de habilidades, como a comunicação e o domínio de sala de aula.

Segundo Imbernón (2011, p. 28):

a formação do professor de qualquer etapa educativa não pode permitir que as tradições e costumes, que se perpetuam com o passar do tempo, impeçam que se desenvolva e se ponha em prática uma consciência crítica nem que dificultem a geração de novas alternativas que tornem possível uma melhoria da profissão.

Sendo assim, temos que buscar a inovação e mergulhar em novas experiências pedagógicas, tornando-nos indivíduos reflexivos, pois são observadas as ações docentes que podemos incorporar e as novas metodologias e ideias para nossas futuras práticas, enquanto educadores(as). Silva (2018, p. 201) diz que, “o estágio visa a formação do/da discente a compreender o processo de aprendizagem do que é ser professor/a, da relação de ensino e aprendizagem, do espaço da sala de aula e da ação pedagógica”.

Nesse contexto, é através do estágio remunerado que o(a) estudante poderá ter um contato maior com a realidade escolar, em que poderá intervir, trocar experiências, entender melhor o fazer pedagógico na docência e elaborar planejamentos; fatores esses, que contribuem para um melhor funcionamento de futuras ações pedagógicas.

Em relação a questão 10 perguntamos como as estagiárias identificam a relação entre teoria e prática na vivência do estágio não obrigatório? Elas responderam o seguinte:

***Jasmin:** A teoria é importante, mas a prática é bem mais complexa, devemos sempre estar preparados para possíveis imprevistos, que na teoria não conseguimos imaginar que pode ocorrer.*

***Violeta:** A relação entre teoria e prática acontece de forma complementar, onde conseguimos utilizar vários métodos da teoria, mas a prática é mais rica em conhecimento por ser desafiadora e muitas vezes aprendemos coisas que a teoria não ensina.*

***Rosa:** É muito diferente essa relação. De fato, a teoria nos revela um leque de oportunidades e ensinamentos, porém, muitas vezes, na prática, não conseguimos aplicá-las. Tem teorias que dão para se trabalhar perfeitamente em sala, mas, a vivência no estágio oportuniza a criação de novas metodologias para o bom funcionamento da aula.*

Ao observar as respostas obtidas nessa questão, analisamos que a teoria e a prática devem caminhar juntas desde o início do curso, pois são elas que regem o desenvolvimento da formação docente. Segundo Silva (2018, p. 199), “o estágio é o momento de apropriação, elaboração teórico-prático dos conteúdos e conhecimentos vistos, vividos e aprendidos durante o curso no processo de formação profissional”. Nesse sentido, o contato com o contexto escolar, sempre nos colocará em situações de dificuldades, com imprevistos que iremos lidar com os alunos(as) e seus familiares, pois todos somos diferentes, temos classes sociais diferentes, aprendizagens diferentes e principalmente capital cultural distintos.

Nesse cenário, haverá situações que vamos nos deparar na escola, que a teoria não ensina, mas a prática nos leva a ter um olhar diferenciado a respeito. Na concepção de Pimenta (1995, p. 61), “a essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem. Ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar”.

Diante disso, é que compreendemos que a prática nos possibilita entender melhor o fazer docente, refletir sobre ele e elaborar novas metodologias de ensino. Cabe destacar que, nem sempre a teoria estudada nos muros universitários é para ser aplicada no âmbito escolar, mas para ser refletida, e a partir dessa reflexão podemos ir em busca de novas metodologias, ou seja, ressignificar as nossas propostas didáticas.

A relação entre teoria e prática, não é considerada diferente, mas uma complementa a outra. Como argumenta Fortuna (2015), a teoria e a prática devem sempre estar em diálogo, pois quando não encontramos respostas para nossos questionamentos na teoria, a prática permite que busquemos soluções para as nossas dúvidas, por isso, elas devem ser um complemento.

A luz do pensamento dos autores Alcântara *et al.* (2004, p. 3):

A aprendizagem colaborativa pressupõe um ambiente de aprendizagem aberto em que o aluno se envolve a “fazer coisas e a refletir sobre o que faz”, sendo-lhe dada a oportunidade de pensar por si mesmo e de comparar o seu processo de pensamento com o dos outros, estimulando, assim, o pensamento crítico. [Grifos dos autores].

Cabe a nós futuros professores propor um ambiente de aprendizagem acolhedor em que o nosso alunado se sinta pertencente e participe das nossas ações pedagógicas, para que assim possamos pensar criticamente e relacionar os nossos conhecimentos aprendidos durante a formação acadêmica, no que diz respeito a teoria e a prática.

Comprendemos que as experiências profissionais obtidas pelos(as) estagiários(as) durante o percurso do estágio não obrigatório no âmbito escolar, foram essenciais para a construção da identidade docente, e que as mesmas vivenciaram situações práticas que se complementam com as teorias aprendidas no campo universitário. Essas oportunidades usufruídas pelas estudantes proporcionaram muitas aprendizagens que poderão ser refletidas por meio da ação docente, tornando-as profissionais mais confiantes e resistentes nas tomadas de decisões que venham a surgir na futura profissão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às necessidades que sempre estão surgindo no campo educacional, o estágio não obrigatório torna-se um momento importante para os(as) universitários(as), permitindo ser inseridos(as) no âmbito da sala de aula, por um tempo maior. Desse modo, a experiência do(a) estudante no estágio, permite que sejam refletidas as práticas educativas, oportunidade essa, para investigar as ações docentes, em meio a formação inicial, para que, assim, sejam repensadas novas estratégias para o desenvolvimento de uma formação docente mais qualificada.

Consideramos que as experiências do estágio são de fundamental importância para os(as) estudantes, visto que cada uma delas é única, mas que todas contribuem para fomentar os conhecimentos dos(as) discentes. Neste momento de vivência na escola devemos buscar o melhor para a nossa formação, sermos profissionais que buscam refletir e pensar criticamente, e não vivenciar sem ao menos indagar o porquê determinada prática não deu certo e buscar uma solução. Entendemos que o estágio acontece com momentos de observação e reflexão da prática docente, é onde os(as) estagiários percebem quais são os desafios presentes no ambiente escolar e tentam buscar estratégias para solucionar esses desafios.

É importante salientar que, o estágio em pedagogia abre muitas vias de atuação, em que não é necessário atuar apenas dentro da sala de aula, mas em outros setores do ambiente escolar. Com isso, compreendemos que essa atuação possibilita aos(as) estagiários(as) o autoconhecimento enquanto profissional, se identificando com sua área de atuação. Desta forma, o campo de estágio permite aos(as) estudantes relacionar teoria e prática, pois vivenciam uma carga horária maior no espaço escolar, e obtém uma visão mais detalhada sobre os acontecimentos presentes no campo de atuação, visto que eles(as) podem participar ativamente no processo de desenvolvimento da aprendizagem.

A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, foi possível constatar que o estágio possibilitou às estagiárias, muitas aprendizagens, principalmente encarar o estágio como um campo de conhecimento, refletindo sobre cada observação que foi executada. Os dados coletados foram satisfatórios, visto que as experiências vivenciadas pelas estagiárias, revelaram que a teoria sempre estará presente em nossas ações, diante do ambiente escolar, ou seja, compreendendo que uma complementa a outra.

Ficou evidente que, o estágio contribui para a construção da identidade docente, preparando as estagiárias para a sua futura profissão, como também permitiu adquirir

competências pedagógicas, e aprimorar as habilidades que são praticadas no contexto escolar, para uma melhor formação docente.

Vale ressaltar que o estágio não obrigatório quando é bem desenvolvido, com trocas de experiências, orientações e esclarecimentos das práticas pedagógicas desenvolvidas, contribui para a estruturação de um(a) profissional mais qualificado(a), e isso foi possível observar nesta pesquisa, em que o estágio foi um meio pelo qual as estudantes puderam se expressar e, principalmente, se sentirem pertencentes a comunidade escolar. Por intermédio das vivências no campo de estágio elas participaram do planejamento das aulas, desenvolveram habilidades pedagógicas, refletiram e pesquisaram, analisaram como se procede a organização das aulas, como também observaram as dificuldades presentes na sala de aula e adaptaram para um melhor desempenho do alunado.

Sendo assim, compreendemos que o estágio não obrigatório não vem apenas com a ideia de complementar os conhecimentos teóricos, mas tem a possibilidade de os(as) discentes serem agentes que pensam, observam, e refletem sobre a realidade vivenciada, buscando transformar a sua realidade para melhor, pensando sempre no desenvolvimento dos(as) estudantes. Fica evidente então, que essa experiência profissional se dá por meio do contato com o campo de trabalho, e que as estagiárias desenvolvem a capacidade de relacionar os conhecimentos aprendidos com as ações docentes, como também permitem o intercâmbio de experiências.

Ressaltamos que a pesquisa em estudo foi essencial para a nossa formação, em que por meio dos resultados obtidos, conseguimos ter outras visões sobre o papel do profissional docente no ambiente escolar. Visão essa que nos leva a compreender a importância de sermos educadores críticos e reflexivos, que buscamos sempre a nossa melhora, tanto profissional, quanto pessoal, contribuindo, assim, para a ressignificação das nossas ações e para a construção da nossa identidade docente.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, P. R.; SIQUEIRA, L. M. M.; VALASKI. **Vivenciando a aprendizagem colaborativa em sala de aula: experiências no ensino superior.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.12, p.169-188, maio/ago. 2004.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre imagens e autoimagens: Uma trama de práticas.** 13. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.
- BARCELOS, N. N. S; VILLANI, A. **Troca entre universidade e escola na formação docente: Uma experiência de formação inicial e continuada.** Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p. 73-97, 2006.
- BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, DF, 25 set. 2008. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/93117/lei-do-estagio-lei-11788-08?print=true>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- BRITO, A. E. **Formação inicial de professores e o estágio supervisionado: Experiência formadora?** Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 16, n. 43, p. 158-174, Edição Especial, 2020.
- CORDEIRO, J. **Didática.** 2. ed. 5 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- CORDEIRO, J. A relação pedagógica: A didática em ação. In.: **Didática.** São Paulo: Contexto, 2007.
- FELIX, T. C. R. **O estágio não obrigatório na formação do pedagogo da UFRN.** Trabalho de monografia (curso de pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- FORTUNA, V. **A relação teoria e prática na educação em freire.** REBES - Rev. Brasileira de Ensino Superior, 1(2): 64-72, out. dez. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GIL, Antonio. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GORZONI, S. P; DAVIS, C. **O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes.** Cadernos de Pesquisa v.47 n.166 p.1396-1413 out./dez. 2017.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LAKATOS, Eva. Maria. **Metodologia científica.** 6. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p. ISBN 9788522466252.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**: Planejamento escolar. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, C. C. **Avaliação em Educação**: questões epistemológicas e práticas. São Paulo: Cortez, 2018.

LUCKESI. Ludicidade e atividades lúdicas: Uma abordagem a partir da experiência interna. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). **Ludicidade: o que é mesmo isso?** Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação; GEPEL, 2002.p. 22-60.

MARQUES, H. R; CAMPOS, A. C; ANDRADE, D. M; ZAMBALDE, A. L. **Inovação no ensino**: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 03, p. 718-741, nov. 2021.

MALHEIROS, Bruno. Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MELO, M. J. C; ALMEIDA, L. A. A. **Estágio supervisionado e prática docente**: Sentidos das produções discursivas da ANPEd, BDTD e EPENN. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 3, p. 34-51, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor. Afirmar a profissão docente**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

OSTETTO, L. E; MAIA, M. N. V. G. **Nas Veredas do estágio docente**: (Re)aprender a olhar. *Olhar de Professor*, vol. 22, 2019.

PACHECO, W. R. S; BARBOSA, J. P. S; FERNANDES, D. G. **A relação teoria e prática no processo de formação docente**. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 332- 340, set. de 2017.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1973.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**: O estágio como campo de conhecimento. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

PEREIRA, A. L. S. **Formar-se pedagogo no curso noturno**: Um olhar para o estágio supervisionado. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: Unidade entre teoria e prática?** Cad. pesq. São Paulo, n. 94, p. 58-73, ago. 1995.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: A Nova Cultura da Aprendizagem.** Instituto de psicologia, Universidade Autônoma de Madri. Editora Artmed. 2002.

RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/068/2015. RESENHA/UEPB/SODS/002/2015. Diário Oficial do Estado, João Pessoa, 05 de maio de 2015. p7.

SANTOS, V. S; SANTOS, C; DIAS, A. F. **Dilemas e desafios no estágio supervisionado na graduação.** VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão - SE. 2012.

SILVA, J. R; LIMA, A. G. C; RIBEIRO, C. COSTA, J. M. L; JUNIOR, J. S. P. **Jogos Pedagógicos em Educação: O uso de jogos pedagógicos e aprendizagem mais significativas.** Revista Ilustração, Cruz Alta, v. 5 , n. 3, p. 43-51, 2024.

SILVA, H. I; GASPAR, M. **Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia.** Rev. bras. Estud. pedagogo, Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018.

SILVA, R. B. **Educação infantil em discurso: formação docente e estratégias pedagógicas.** Revista zero a seis. ISSNe 1980-4512 v. 1, n. 29 p.069-083 | jan-jul 2014.

SILVA, C. C. **A sala de aula como espaço de aprendizagem: experiências de estágio supervisionado.** Signos, Lajeado, ano 39, n. 1, p. 195-211, 2018. ISSN 1983-0378.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Org). **O ofício de Professor: História, perspectivas e desafios internacionais.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZABALZA, M. A. O estágio. In.: **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária.** São Paulo: Cortez, 2014.

ZEICHNER, K. M. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente.** Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III

Prezados(as) Estagiários(as),

Sou aluno do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, campus III, matrícula de nº 202460010. Atualmente estou cursando o componente TCC II, o qual pretendo desenvolver uma pesquisa acerca da temática Estágio Não Obrigatório. A pesquisa está intitulada (título provisório); “**A importância do Estágio não obrigatório: Reflexões sobre a formação inicial do(a) Pedagogo(a)**”, tema este, que venho despertando interesse, por ter vivenciado momentos de reflexões durante a formação acadêmica. Espero contar com o seu apoio, respondendo a este formulário.

Atenciosamente,

Vinicius de Oliveira Lima.

IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Gênero: _____ Idade: _____

Curso: _____

Período: _____ () em conclusão () concluído-Ano de conclusão _____

Outras formações: _____

Tempo de experiência profissional: _____

Ano/série que atuou/atua como estagiário: _____

QUESTIONÁRIO

1. Por que você resolveu realizar o estágio não obrigatório?

2. Quanto tempo você permaneceu/ou permanece no Estágio Não Obrigatório?

3. Você já atua em sala de aula na sua área de formação? Qual função você exerce?
4. Quais são as atividades que você desenvolve no estágio não obrigatório?
5. Durante sua inserção no estágio remunerado, você encontrou/ou encontra dificuldades em relação ao campo de atuação? Justifique sua resposta.
6. Como você descreve a sua experiência e atuação na escola, durante o período de estágio remunerado?
7. O que o estágio remunerado possibilita em relação as experiências pessoais e profissionais?
8. Quais as contribuições do estágio não obrigatório para a sua formação acadêmica?]
9. Você considera que o estágio remunerado contribuiu/ou contribui para o desenvolvimento de futuras práticas pedagógicas? Justifique.
10. Como você identifica a relação entre teoria e prática na vivência do estágio não obrigatório?

ANEXO B – TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador (a) do RG _____, ciente de que o questionário por mim respondido será utilizado para fins da pesquisa de Graduação em Pedagogia intitulada (título provisório) **“A importância do estágio não obrigatório: Reflexões sobre a formação inicial do(a) pedagogo(a)”**, desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba, pelo aluno **Vinicius de Oliveira Lima**, sob a orientação da Professora Ma. **Francineide Batista de Sousa Pedrosa**, a qual ensina o trabalho de elaboração de TCC II e quaisquer outras atividades acadêmicas correlatas à pesquisa (publicação de artigos, eventos, pôsteres, dentre outras atividades acadêmicas); e de que as informações por mim cedidas serão tratadas assegurando o meu anonimato e o da instituição em que atuo (em hipótese alguma os dados pessoais: nome, telefone, idade, e-mail, fornecidos no preenchimento do Questionário aparecerão no corpo do trabalho ou nos anexos); autorizo a utilização dos referidos dados, desde que garantidos os fins e as condições acima citadas.

ASSINATURA

Guarabira/PB, _____.